

O Problema da Linguagem Religiosa (2)

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Muito Restritivo, Embora Muito Inclusivo

Outra coisa embaraçosa² sobre usar o princípio de verificação para desafiar a significabilidade de qualquer linguagem sobre metafísica, teologia ou ética, era que o princípio era simultaneamente muito limitado e *todavia*, muito abrangente!

Primeiro, ele era muito limitado ou restritivo porque excluía sentenças que qualquer homem racional, mesmo positivista, estaria disposto a afirmar como significativa (tais como “Existe um passado”, “Toda pessoa teve uma mãe”).

Além do mais, o princípio de verificação terminaria julgando o resultado pretendido da ciência natural – a queridinha dos positivistas lógicos! – como sendo sem significado. É característico da ciência natural ter como objetivo fazer declarações universalmente quantificadas (tais como “Todas as baleias são mamíferos”), ou generalizar leis que são também universais em caráter (tais como “Em todos os casos, a água expande ao congelar”). Contudo, por causa de seu caráter universal, nenhuma declaração semelhante pode ser plenamente verificada por alguma pessoa finita, ou grupo finito de pesquisadores. Neste caso, as generalizações científicas cairiam no limbo da ausência de significado.

Foi também provado ser impossível para os positivistas lógicos dedicados reduzir completamente, com sucesso, mesmo a mais simples sentença de observação, a fim de representar um dado sensorial. “Uma maçã está sobre a mesa” se torna algo parecido com “Uma série de qualidades [a, b, c...] está em x;y;z [especificações tridimensionais] em t [especificação temporal].” Mesmo os famosos esforços de Rudolf Carnap para realizar esse tipo de tradução reducionista ficaram sobrecarregados com a linguagem de lógica e matemática (e.g., “séries”) e linguagem sobre localização (e.g., “está em”), que eram expressões indefinidas e alheias que não expressavam dado sensorial.

Assim, o princípio de verificação no final não se provou amigavelmente àqueles que o advogavam, visto que excluía expressões e generalizações que

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em fevereiro/2008.

² Ver http://www.monergismo.com/textos/apologetica/problema-linguagem-religiosa-parte1_bahnsen.pdf

eles desejavam reter como significativas. Os positivistas lógicos têm uma fé dedicada na ciência natural, e, todavia, o seu próprio princípio de verificação teria tornado o programa, procedimentos e resultados da ciência natural sem sentido. De uma forma clara, o princípio de verificação se tornou desarrazoadamente restritivo para o positivista.

Contudo, por outro lado, há um sentido no qual o princípio de verificação provou-se embaraçosamente aberto, permitindo a *multíssimas* expressões o status privilegiado de ser qualificada como significativa. Isso o tornou irracionalmente inclusivo.

A. J. Ayer foi talvez o positivista lógico mais conhecido no mundo inglês. Na primeira edição do seu famoso livro, *Language, Truth and Logic*, Ayer mantinha que uma sentença é significativa quando, em conjunção com outras premissas, uma declaração-observação pode ser deduzida, a qual não poderia ter sido derivada de outras premissas somente.³ Isso não ajudou em nada. Com um pouco de imaginação, um logicista poderia usar esse critério e mostrar que *qualquer* declaração, seja qual for, pode passar no teste⁴ – em cujo caso o critério de Ayer de verificabilidade permite que *todas* as declarações sejam consideradas como significativas!

Mantendo a Fé

Não surpreenderá ao leitor o fato de Ayer ter tentado remediar essa situação *revisando* o critério de verificabilidade, na segunda edição do seu famoso livro. Essa manobra revela que Ayer não era um erudito imparcial, buscando de alguma forma neutra seguir a evidência, não importando para onde a mesma levasse. Ele tinha uma conclusão particular em mente desde o princípio, desejando assim moldar e revisar seus princípios adotados até que eles (esperançosamente) provassem o que Ayer originalmente desejou. Os incrédulos não são muitos sutis em permitir que seus preconceitos ou pressuposições religiosos sejam exibidos. *Eles também* “mantêm a fé”!

Ayer agora permitia que declarações fossem verificadas direta *ou* indiretamente. Mas mais importante, ele prescreveu adicionalmente que *as premissas* que são unidas com qualquer declaração-teste, para deduzir uma declaração-observação adicional, devem incluir somente declarações-observação, verdades analíticas, ou declarações independentemente verificáveis.⁵ Isso não ajudou. Na abordagem revisada de Ayer, um logicista esperto pode ainda mostrar qualquer declaração-teste, ou sua negação, como

³ A. J. Ayer, *Language, Truth and Logic* (New York: Dover Press, 2nd. ed. 1952), p. 39.

⁴ Qualquer declaração-teste (T) pode ser unida com a premissa “Se T, então O” (onde O é uma declaração-observação). Note que a premissa declarada não implica logicamente, por si só, a declaração-observação (O); nem a declaração-observação segue diretamente da declaração-teste (T). Todavia, quando T é tomado com a premissa sugerida aqui, a declaração-observação (O) pode ser de fato deduzida.

⁵ *Language, Truth and Logic* (2nd ed.), p. 13.

sendo verificável (direta ou indiretamente) ⁶ – assim, tornando uma vez mais *todas* as declarações significativas.

O que descobrimos então, é que o “verificacionismo” simplesmente não pode declarar sua própria posição de forma convincente. O princípio de verificação de significado cognitivo era auto-refutador; e mais, era simultaneamente muito restritivo e, todavia, muito inclusivo. Conseqüentemente, o verificacionismo nunca esteve na posição de desafiar com sucesso a significância do discurso religioso.

(2) Falsificacionismo

A segunda forma na qual os filósofos incrédulos têm tentado criticar a significância da linguagem religiosa no século vinte pode ser chamada de “falsificacionismo”. Os falsificacionistas eram dedicados à autoridade da ciência natural, assim como os positivistas lógicos. Contudo, os falsificacionistas estavam dolorosamente cientes do fracasso dos positivistas lógicos em formular de forma convincente o princípio de verificação de significado, ou salvarem-se da aplicação fatal do mesmo.

Ainda, eles desejavam guardar a posição honorífica da ciência natural e distingui-la claramente das formas vergonhosas de pensamento, tais como a superstição, mágica, metafísica e religião. A linguagem da religião (etc.), de acordo com o falsificacionista, não pertence ao domínio da “ciência genuína”. A ciência está amarrada a uma base empírica ou comprometimento processual, que não caracteriza a religião. Sob análise, o falsificacionista dizia, a tarefa religiosa dos crentes é em última instância sem sentido.

Para o falsificacionista, o que torna a ciência genuína “científica”, é que as teorias que ela afirma são em princípio *falsificáveis* por meio de métodos empíricos. Essa é uma condição necessária para uma abordagem verdadeiramente científica, na qual homens racionais crerão. Conseqüentemente, se alguma teoria ou alegação não for empiricamente falsificável, apenas esse defeito já é suficiente para rejeitá-la por ser cognitivamente sem significado. Uma alegação significativa na ciência deve ser, de acordo com o falsificacionista, sujeita à refutação (em teoria). Isso não significa que as alegações científicas devem ser refutadas para serem “científicas” (que faria todas as alegações científicas falsas por definição!) – mas que elas devem ser empiricamente *refutáveis*, em alguma circunstância concebível.

⁶ Alonzo Church demonstrou breve, mas devastadoramente isso em sua resenha da segunda edição do livro de Ayer (*Journal of Symbolic Logic* v. 14 [1949], p. 53). Onde Oⁿ permanece para uma declaração-observação, qualquer declaração-teste (T) pode ser unida com qualquer declaração-observação (O¹) e a seguinte premissa complexa: [(não-O¹ e O²) OR (O³ e não-T)]. Quando fazemos isso, não-T passa no teste de ser *diretamente* verificável (por silogismo disjuntivo), enquanto T pode ser unido com a premissa complexa dada aqui para passar no teste de Ayer de ser *indiretamente* verificável.

A grande vantagem de tomar essa abordagem, se você advoga a supremacia da ciência natural e seus procedimentos, é que as generalizações que os cientistas aspiram (e.g., “todos os planetas giram ao redor de um eixo”) não são excluídas como sem sentido, por não serem plenamente verificáveis. As generalizações da ciência natural, mesmo aquelas que são verdadeiras, estarão sempre abertas à refutação ou falsificação (e.g., como no caso de descobrirmos um planeta que não gire ao redor de um eixo). Não mais a incompletude da indução é um golpe contra o significado ou caráter científico de uma generalização empírica com respeito ao mundo natural.

O Famoso Desafio de Flew

Talvez a crítica mais conhecida da linguagem religiosa na segunda metade do século vinte veio da pena engenhosa do filósofo inglês, Antony Flew, e atacou a significabilidade do discurso religioso a partir da perspectiva do falsificacionismo. Flew apresentou o seu argumento recitando uma parábola uma vez contada por John Wisdom, comentando então sobre o defeito das afirmações teológicas que a parábola ilustrava:

Certa vez, dois exploradores chegaram a uma clareira na selva. Ali, crescendo lado a lado, havia muitas flores e muita erva daninha. Um dos exploradores exclamou: ‘Deve haver um jardineiro cuidando deste lugar!’. O outro discordou: ‘Não há nenhum jardineiro’. Por isso, eles armaram suas barracas e ficaram observando.

Embora tivessem esperado vários dias, não apaerceu nenhum jardineiro.

‘Talvez seja um jardineiro invisível’. Por isso, cercaram a clareira com arame farpado e cerca eletrificada. Também patrulharam o jardim com cães... No entanto, nenhum som sugeria que alguém tivesse recebido um choque elétrico. Nenhum movimento na cerca denunciava a passagem de uma figura invisível. Os cães jamais deram alarme. Mesmo assim, o explorador mais crédulo continuava com a convicção de que havia de fato um jardineiro.

‘Deve haver um jardineiro, invisível, intocável e que não sente choque elétrico; um jardineiro que não tem cheiro e nem faz nenhum ruído, um jardineiro que vem aqui secretamente para cuidar do jardim que ama’.

Finalmente, o explorador cético se desesperou: ‘Mas o que sobra da sua afirmação original? Qual é a diferença entre aquilo que você chama de jardineiro invisível, intangível e eternamente oculto e um jardineiro imaginário ou nenhum jardineiro?’.

Tendo contado a história, Flew continua com seu comentário, em crítica cruel à linguagem religiosa:

Alguém pode dissipar sua afirmação completamente, sem notar que o fez. Uma boa hipótese impetuosa pode, dessa forma, ser morta aos poucos, uma morte por milhares de qualificações.

E nisso, parece-me, reside o perigo peculiar, o mal endêmico, do discurso teológico...

Pois se o discurso é de fato uma afirmação, ele necessariamente será equivalente a uma renúncia da negação dessa afirmação. E qualquer coisa que seja contra a afirmação, ou que induza a pessoa que fala a revogá-la ou admitir que a mesma era equivocada, deve ser parte do (ou todo o) significado da negação dessa afirmação... E se não há nada que uma suposta afirmação negue, então não há nada que afirme também: e assim, não é uma afirmação na verdade.⁷

Flew suspeitava do discurso religioso porque ele observou que os crentes tendiam a se apegar com firmeza às suas convicções, mesmo quando estavam cientes da aparente contra-evidência àquelas crenças. Eles qualificam e defendem, e então qualificam e defendem algo mais. Começa a paecer que eles guardariam suas alegações teológicas contra toda e qualquer objeção ou refutação. Mas se é assim, isso faria todas as convicções religiosas imunes à falsificação – tornaria a linguagem religiosa compatível com cada estado concebido de coisas no mundo. Visto que o falar sobre Deus não equivaleria a negar algo, não haveria nada intelectualmente em jogo nos discursos teológicos. Esse é o problema com a linguagem religiosa.

affairs in the world. Since God-talk would not amount to denying anything, there would be nothing intellectually at stake in theological utterances. And thus, being unfalsifiable, they would not amount to genuine or meaningful assertions in the first place, suggested Flew. This is the problem with religious language.

Não deixe de ler a terceira parte desta série, onde Bahnsen desmorona todas essas objeções ao Cristianismo.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/>⁸

⁷ Antony Flew, "Theology and Falsification," *New Essays in Philosophical Theology*, eds. Antony Flew & Alasdair MacIntyre (New York: Macmillan Co., 1964 [1955]), pp. 96, 97, 98.

⁸ Originalmente publicado na *The Biblical Worldview* (Part II-Vol. IX:1; Jan., 1993). Disponível no livro *Always Ready*, de Greg Bahnsen. (N. do T.)